

SERGIO HIDEO ISHIGAMI

**A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE:  
REFLEXÕES ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE  
EDUCAÇÃO E LAZER NOS FINS DE SEMANA.**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPINAS  
2003

**SERGIO HIDEO ISHIGAMI**



**A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE:  
REFLEXÕES ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE  
EDUCAÇÃO E LAZER NOS FINS DE SEMANA.**

Monografia apresentada como exigência parcial para conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física, orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Stucchi.

**CAMPINAS  
2003**

**DEDICATÓRIAS:**

A memória de Kozo Ishigami.

A minha namorada Larissa, pela compreensão e o apoio durante todo o percurso da elaboração do trabalho.

A toda a minha família pelos inúmeros sacrifícios para tornar possível à conclusão da graduação.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer:

- Ao Prof. Dr. Sérgio Stucchi pela orientação e paciência dedicada à elaboração deste estudo.

- A todos os docentes da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, que me proporcionaram uma excelente formação, bagagem esta que eu carregarei pelo restante da minha vida.

- Aos meus amigos do Setor de Lazer da Prefeitura Municipal de Mauá, que me despertaram, através do estágio para a conclusão do Bacharelado em Educação Física na modalidade Recreação e Lazer, a curiosidade pelo tema do estudo.

- A Escola Estadual 16 de Julho pela oportunidade de estágio para conclusão da Licenciatura em Educação Física e trabalho como professor eventual na unidade escolar.

- A todos os meus amigos que me auxiliaram na elaboração deste estudo.

- Aos meus amigos que moraram comigo durante grande parte da graduação (Renato, Mineiro, Diego, Kléber, Carioca, Fábio, Mococa, Lucas, Márcio e outros) pela força nos momentos difíceis e pela alegria compartilhada nas festas, brincadeiras, baladas...

**SUMÁRIO**

<b>ABSTRACT.....</b>	<b>06</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>07</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1: DELIMITANDO O ESTUDO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1: A Educação não-formal.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2: Os estudos do lazer.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 Metodologia.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O LAZER: ESTABELECENDO ELOS DE LIGAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 O duplo aspecto educativo do lazer.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 O Lazer e a Educação Não-Formal.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO 3: A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE: UMA PARCERIA NECESSÁRIA.....</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>37</b>

## ABSTRACT

Currently diverse activities developed for the public initiative are appearing that search an approach of the public schools together to its surrounding community. Initiatives as the developed "Project Open School" in the cities of Maua (SP), Sao Paulo and Porto Alegre (RS), the "Project Partners of the Future" and the "Program School of the Family" developed by the Secretariat of Education of the State of Sao Paulo, among others initiatives spread for the country, foresee the opening of the educational units to Saturdays and Sundays through the make an offer of activities of leisure the population, searching a form of education of the community of around of the educational units in way not-deed of division and the creation of combat alternatives the violence in partnership with the inhabitants.

The research consists of a bibliographical research on the terms: community and school, leisure and education, education not-deed of division, through the use of the following data bases: UNIBIBLI (that it encloses the data base Athena-UNESP, Acervus-UNICAMP and Dedalus-USP), Periodicals CAPES and Internet.

The present work if justifies for the importance given to the public sector for such initiatives and for the implantation process and diffusion that the programs that are being developed for the public administration currently are reaching.

The study it uses authors who approach the relation school-community (PARO, CODY and SIQUEIRA, HORA and others) the education not-deed of division (GARCIA, GOHN), the education (FREIRE, SAVIANI) and the leisure (MARCELLINO, CAMARGO, REQUIXA and others), following a boarding dialectic of the reality. Such procedure made possible to elaborate a theoretical recital that justifies the development of such initiatives, notes for an improvement of the quality of life of the population and reflections concerning the relation established between the school and the community.

## RESUMO

Atualmente estão surgindo diversas atividades desenvolvidas pela iniciativa pública que buscam uma aproximação das escolas públicas junto à sua comunidade circundante. Iniciativas como o “Projeto Escola Aberta” desenvolvido nos municípios de Mauá (SP), São Paulo e Porto Alegre (RS), o “Programa Parceiros do Futuro” e o “Programa Escola da Família” desenvolvidos pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, entre outras iniciativas espalhadas pelo país, prevêm a abertura das unidades educacionais aos sábados e domingos através do oferecimento de atividades de lazer a população, buscando uma forma de educação da comunidade do entorno das unidades educacionais de maneira não-formal e a criação de alternativas de combate à violência em parceria com os moradores.

A pesquisa constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica sobre os termos: comunidade e escola, lazer e educação, educação não-formal, através da utilização dos seguintes bancos de dados: UNIBIBLI (que abrange o banco de dados Athena-UNESP, Acervus-UNICAMP e Dedalus-USP), Periódicos CAPES e Internet.

O presente trabalho se justifica pela importância dada ao setor público por tais iniciativas e pelo processo de implantação e difusão que os programas que estão sendo desenvolvidos pela gestão pública atualmente estão alcançando.

O estudo utiliza autores que abordam a relação escola-comunidade (PARO, CODY e SIQUEIRA, HORA e outros) a educação não-formal (GARCIA, GOHN), a educação (FREIRE, SAVIANI) e o lazer (MARCELLINO, CAMARGO, REQUIXA e outros), seguindo uma abordagem dialética da realidade. Tal procedimento possibilitou elaborar uma fundamentação teórica que justifique o desenvolvimento de tais iniciativas, apontamentos para uma melhoria da qualidade de vida da população e reflexões acerca da relação estabelecida entre a escola e a comunidade.

## INTRODUÇÃO

Atualmente estão surgindo diversas atividades desenvolvidas pela iniciativa pública que buscam uma aproximação, estreitamento e a melhoria do relacionamento entre as escolas públicas, sejam elas municipais ou estaduais, e a sua comunidade circundante. Iniciativas como os Centros Comunitários do município de Santo André (SP), que funciona no interior das Escolas Municipais de Educação Infantil e Fundamental (EMEIEFs), o “Projeto Escola Aberta”, desenvolvido nos municípios de Mauá (SP) e São Paulo; o “Programa Parceiros do Futuro” e o “Programa Escola da Família: Espaços de Paz” da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo; o “Programa Escola Aberta para a Cidadania” da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul; o “Programa Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz na Bahia” do Governo do Estado da Bahia; o “Programa Escolas de Paz” do Governo do Rio de Janeiro; o “Programa Escola Aberta” do Governo de Pernambuco; o “Programa Escola Cidadã” em Porto Alegre (RS); o “Projeto Ciranda da Paz” na Região Metropolitana de Recife (PE) e outras iniciativas espalhadas pelo país, prevêm a abertura das unidades educacionais aos sábados e domingos através do oferecimento de atividades educacionais de lazer, com iniciativas que prevêm até atividades de capacitação profissional à população, visando integrar as pessoas de maneira não-formal, criando “[...] alternativas de combate à violência em parceria com os moradores” (DIRETÓRIO..., 2002).

Esta visão moralista de lazer é detectada por Mascarenhas ao afirmar que:

[...] os programas governamentais e não-governamentais de lazer, em sua maioria, inspirados na ‘filosofia’ de manter a juventude ocupada, longe dos ‘males’ e ‘perigos’ da

ociosidade, são pensados como uma espécie de redutor dos índices de violência e criminalidade urbana (2003, p.135).

Até o momento de implantação destes programas e projetos, as idéias de aproximação da escola junto à comunidade restringiam-se a uma participação em eventos como mutirões para reforma e limpeza da escola, festas comemorativas, formatura dos filhos, reuniões da Associação de Pais e Mestres e outros eventos que não possibilitavam uma participação efetiva da comunidade nas decisões relacionadas à aprendizagem ou a mudança da realidade escolar e da própria comunidade usuária dos serviços oferecidos pela escola. Tal situação causava uma desconexão entre os objetivos da escola e os da comunidade do seu entorno, limitando o potencial educativo da escola e contribuindo para a manutenção da estrutura social vigente.

Acreditamos que, estas recentes iniciativas apesar de possuírem um caráter funcionalista – possuem uma visão moralista da sociedade que coloca o lazer como fuga dos perigos da sociedade - como justificativa de implantação, podem apontar para o surgimento de uma participação efetiva da comunidade na realidade escolar e um marco para a elevação do nível cultural da população participante. Entretanto, poucos estudos têm sido desenvolvidos neste sentido, impedindo grandes avanços e o aperfeiçoamento dos programas implantados pelas iniciativas públicas, privadas e pelo terceiro setor.

Esta carência e a crença de que estas recentes iniciativas do poder público podem se constituir na base para a criação de uma educação revolucionária<sup>1</sup> e um marco para a melhoria da qualidade de vida da população, nos despertou interesse durante a realização do estágio supervisionado realizado junto ao Setor de Lazer da Prefeitura

---

<sup>1</sup> A educação revolucionária considera que a escola é um lugar de conflitos dos interesses da sociedade que deve ter como característica o ponto de vista dos dominados. A pedagogia revolucionária é crítica centrada na igualdade entre os homens, buscando através do estudo de uma prática social, uma intervenção na realidade. Dentro desta perspectiva, o professor deve além de proporcionar um ensino de qualidade que não seja influenciado pelos interesses dominantes, lutar contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. (SAVIANI,1983)

Municipal de Mauá, onde tivemos a oportunidade de conhecer e atuar junto ao Projeto Escola Aberta, que durante o Bacharelado em Recreação e Lazer, causou a motivação pela escolha deste tema de estudo.

## CAPÍTULO 1

### DELIMITANDO O ESTUDO

#### 1.1: A Educação não-formal

Os primeiros estudos sobre a educação não-formal surgiram na década de 1970 e forma relacionados:

[...] à área pedagógica concomitantemente a uma série de críticas ao sistema formalizado de ensino, em um momento histórico compreendido como de crise do sistema escolar, em que este começa a ser percebido (...) como impossibilitado de responder a todas as demandas sociais que lhe são impostas e delegadas (TRILLA apud GARCIA, 2003, p. 123-124).

Segundo Dumazedier, a crise atribuída ao sistema formal de ensino se deu a partir de duas frentes:

*1ª Direção crítica:* critica-se o valor dos estudos para a produção. Estima-se que as necessidades de um país em vias de desenvolvimento ou desenvolvido são mal satisfeitas pelos estudos escolares que são, no seu conjunto, anacrônicos, que não dão importância suficiente à evolução do trabalho.

*2ª Direção crítica:* Estima-se que a escola secundária está cada vez menos adaptada à formação geral do hoje, à cultura geral de que os indivíduos têm necessidade e, cada vez mais, os valores são contestados por todos os conteúdos das atividades extracurriculares, como o cinema, o rádio, a televisão, os clubes de futebol, os grupos de música, os grupos de amigos, etc. (1975, p.30).

Acreditamos que esta crise contribuiu para o surgimento de novas iniciativas para suprir a demanda existente, como por exemplo, as escolinhas de esportes, as atividades da educação não-formal e todas as iniciativas no campo do lazer.

No Brasil, segundo Maria da Glória Gohn (1999), até a década de 1980, a educação não-formal:

[...] estava ligada a processos de alfabetização de adultos, que tinham como base as propostas de Paulo Freire, e outras práticas dos movimentos sociais. A partir da década de 1990, em virtude de mudanças na economia e nas formas e relações próprias ao mundo do trabalho, a demanda pela educação modificou-se, ampliando suas necessidades para além dos conteúdos programáticos e currículos atribuídos e desenvolvidos pela escola.

Tal necessidade culminou com o surgimento de outros espaços e outras maneiras de estabelecer diferentes relações e mediações educacionais mesmo sem o aval da escola.

Atualmente, a educação não-formal está sendo caracterizada por propostas de trabalho direcionadas à camada populacional mais pobre, promovidas pelo setor público ou por diferentes segmentos da sociedade civil, muitas vezes, através de parcerias com a iniciativa privada, organizações não-governamentais (ONGs), grupos religiosos, entre outras instituições, como é o caso, por exemplo, do “Projeto Escola Aberta” do município de Mauá, na Grande São Paulo, que conta com o apoio financeiro da Petrobrás e; do “Programa Escola da Família: Espaços de Paz”, que foi viabilizado através de uma parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e apoio técnico-pedagógico do Instituto Airton Senna.

Segundo Garcia (2003, p.139), a educação não-formal possui como características a “[...] flexibilidade de tempo e conteúdos; não está ligada

necessariamente a uma certificação”, possui uma ligação com a comunidade e com o cotidiano, o que favorece a transformação tanto pessoal como coletiva e social.

A educação não-formal possui:

[...] um outro jeito de organizar e perceber a relação ensino-aprendizagem/ educador-educando/ produção de conhecimento no processo educacional. Uma dessas características é a importância e a relevância das ações da prática e dos saberes e fazeres cotidianos. O movimento da educação não-formal deu-se por meio da existência de diferentes práticas que embora mediadas por relações educacionais, não eram consideradas como educação por não obedecerem a uma série de requisitos formais, mas que estavam constituindo diferentes modos de vivenciar e compreender o processo de ensino e aprendizagem. (Garcia, 2003, p. 124).

Garcia (op.cit, p. 130) afirma que há uma diferença entre a educação informal e educação não-formal. A educação informal é caracterizada pela aprendizagem sem mediação pedagógica, ou seja, o aprendizado adquirido na relação com os amigos, com a família, na rua, estas influenciadas pelas relações estabelecidas pelo sujeito e o seu cotidiano. Já a educação não-formal é efetivada através de “[...] propostas que demonstram intencionalidade para atuar em questões educacionais inclusive comportamentais [...]”, sem a sistematização do sistema formal de ensino. Como exemplo, podemos citar a animação sociocultural do lazer, que busca através da exploração do duplo aspecto educativo do lazer - aspectos que serão abordados no decorrer do trabalho - a formação de seres críticos, criativos e autônomos em relação às atividades de lazer utilizadas para preencher o seu “tempo disponível” e, simultaneamente, prevê a inserção da comunidade na gestão, administração e melhoria da qualidade dos equipamentos.

## 1.2: Os estudos do lazer

Já com relação ao lazer, podemos identificar que entre os autores brasileiros, há duas abordagens que discutem este conceito e que se complementam pelos aspectos: **atitude** – onde o lazer é visto como um estilo de vida, portanto independente de um conteúdo determinado - e, **tempo**, na qual, o lazer é visto como um tempo conquistado e liberado não só do trabalho, mas de outras obrigações, destacando-se a qualidade das ocupações praticadas; aspectos que estão presentes, respectivamente, nas idéias de dois estudiosos brasileiros, Requixa e Medeiros, escolhidos para este estudo.

Requixa (1980, p. 35) entende o lazer como a “[...] ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”.

Já Medeiros (1971, p. 3) afirma que o lazer é o “[...] espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida [...]” e, suas funções são o repouso, a diversão e o desenvolvimento pessoal.

No Brasil, o princípio dos estudos do lazer teve como referência o conceito de Dumazedier, que entende o lazer como o:

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (1973, p. 34).

A tendência atual verificada entre os autores brasileiros é conceituar o lazer associado aos dois aspectos conjuntamente, ou seja, como:

[...] uma atividade de escolha individual, praticada no tempo disponível e que proporcione determinados efeitos, como o descanso físico ou mental, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade. Entendido dessa forma, o conteúdo das atividades de lazer é bastante amplo, abrangendo interesses variados. (Marcellino, 1987, p.31).

Neste sentido, Marcellino entende lazer como a “[...] cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no 'tempo disponível' [...]”, de caráter desinteressado, buscando a satisfação provocada pela situação. O “tempo disponível” denota a possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (op.cit., p.31).

Há várias tentativas de classificação das atividades de lazer. No entanto, a mais aceita pelos autores brasileiros é a de Dumazedier, conforme Camargo (1999, p.17-18), que baseado nos interesses culturais centrais das atividades, mostrando que, estes podem mostrar-se integrados em uma mesma atividade, classifica-as em:

- Intelectual: interesse no real, nas informações objetivas e explicações racionais, no conhecimento vivido, experimentado.
- Físico-esportivo: engloba todas as atividades onde prevalece o movimento ou exercício físico.
- Artístico: centrado no domínio do mundo imaginário, com conteúdo estético; visando à beleza e o encantamento.
- Manual: centrado na capacidade de manipulação para modificar objetos, materiais ou para lidar com a natureza.
- Social: busca do relacionamento, do convívio social.

Camargo (1999, p.18) complementou a classificação inserindo um sexto interesse: o turístico, centrado na busca de novas paisagens, pessoas, costumes, visando à quebra

da rotina temporal e espacial e; afirma que o tempo de lazer foi conquistado pelos trabalhadores por ser “[...] um tempo para a atividade lúdica, voluntária, desinteressada, fazendo com que, no trabalho e para o trabalho, o indivíduo reservasse o volume essencial de suas energias” (idem, p.38).

Os tempos sociais são divididos em: tempo do trabalho e tempo do não-trabalho ou tempo livre, onde no último enquadram-se as obrigações familiares, sociais, religiosas, etc. Marcellino (1987, p.29) insere um terceiro tempo social, o disponível, que seria livre de obrigações e ocupado com os conteúdos do lazer e até o ócio.

Bernhoeft (1985, p.21-23) discute a ocupação do tempo no mundo industrial e, ressalta a importância que o tempo adquiriu na vida das pessoas, chegando a sete papéis sociais, dos quais merecem destaque para este estudo:

- Papel social: tempo utilizado para a manutenção do círculo de relacionamentos com amigos, colegas e outras pessoas que estejam presentes no seu círculo de relações sociais.
- Papel educacional: engloba todas as atividades que visem o autodesenvolvimento, não estando restrito aos sistemas convencionais de ensino, ou seja, este parcela de tempo engloba o tempo destinado às leituras, às palestras, à educação não-formal e outras atividades que contribuam para a formação intelectual dos homens e mulheres.
- Papel recreacional: tempo utilizado para o lazer ou recreação, visando o prazer e a satisfação, pressupondo uma liberdade de escolha, podendo ser desenvolvido de maneira individual ou em grupo de acordo com a escolha do praticante.

O lazer abordado no campo de produção teórica é encontrado sob duas posturas: uma caracterizada pela abordagem indireta da questão e outra pela direta. A abordagem indireta do lazer pode ser verificada em pelo menos duas situações: primeiro, cujo foco

principal é um dos seus conteúdos culturais, pois os autores freqüentemente abordam conteúdos ou situações de lazer e; segundo, o foco principal é caracterizado por componentes de obrigação (relações familiares, trabalho escolar e profissional), sobretudo o trabalho profissional (MARCELLINO, 1987).

A incorporação do termo lazer é vista com maior freqüência como sendo "[...] a simples associação com experiências individuais vivenciadas que, muitas vezes, implica na redução do conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de determinadas atividades [...]", sendo esta tendência alimentada pelos meios de comunicação, que pregam o lazer quase sempre associado a manifestações de massa ao ar livre e de conteúdo recreativo (op.cit., p.21).

Esse caráter parcial e limitado do lazer também é detectado quando se discute os seus valores, que ao nível do senso comum são relacionados ao divertimento e ao descanso.

Já a abordagem direta caracteriza-se pela análise feita pelos teóricos do lazer, onde estes analisam o lazer a partir de uma visão global do fenômeno através de ações diretamente ligadas aos conteúdos claramente identificados.

A partir desta breve reflexão sobre a educação não-formal e sobre o lazer, alguns questionamentos podem ser levantados, o que tentaremos demonstrar a seguir ao discutirmos as questões metodológicas e os objetivos do trabalho.

### **1.3 Metodologia**

A pesquisa constitui-se de uma pesquisa bibliográfica (LAKATOS e MARCONI, 1991) sobre os termos: educação não-formal, comunidade e escola, lazer e educação, através da utilização dos seguintes bancos de dados: UNIBIBLI (que abrange o banco

de dados Athena-UNESP, Acervus-UNICAMP e Dedalus-USP), ISIS (banco de monografias da FEF/UNICAMP), Banco de Periódicos da CAPES e Internet.

Através de uma abordagem dialética interpretativa da realidade, procuramos buscar uma fundamentação teórica que justifique o desenvolvimento de iniciativas nesta área e apontamentos para uma melhoria da qualidade de vida da população, além de algumas sugestões visando à melhoria da qualidade da relação estabelecida entre a escola e a comunidade.

O presente trabalho se justifica pela importância atribuída pelo setor público a tais iniciativas e pelo processo de implantação e difusão dos programas de lazer nos fins de semana.

Esta implantação de atividades de caráter não-formal leva-nos a alguns questionamentos que podem contribuir para a melhoria dos programas já existentes e facilitar a implantação de novos programas.

Durante o trabalho tentaremos responder a alguns questionamentos que irão nortear toda a pesquisa:

- Quais resultados podem ser alcançados pelos recentes programas implantados pelo setor público?
- Quais os objetivos que devem ser contemplados e perseguidos pela iniciativa pública ao implantar tais propostas?
- Quais aspectos devem permear à relação entre a escola e a comunidade?
- Por que o lazer é importante para a melhoria da relação escola e comunidade?

Nos capítulos seguintes tentaremos, através da discussão e ligação da área do lazer e da educação não-formal, responder a tais indagações.

## CAPÍTULO 2

### A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O LAZER: ESTABELECENDO ELOS DE LIGAÇÃO

O primeiro passo para analisar a aplicação dos conteúdos culturais do lazer nas diversas atividades não-formais no interior da escola que, hoje, estão se difundindo por todo o país como observamos na introdução, é tentar estabelecer uma ligação entre a educação não-formal e o lazer enquanto veículo e objeto da educação.

#### 2.1 O duplo aspecto educativo do lazer

O lazer apresenta restrições qualitativas e quantitativas no acesso à produção cultural, no consumo desligado da cultura vivida e na prática isolada e conformista, ou seja, o lazer:

[...] deixa de considerar a necessidade de uma ação educativa que procure colaborar na correção dessas tendências indesejáveis, do ponto de vista de quem considera o plano cultural como um canal possível para mudanças de repercussão, inclusive, no plano social. (MARCELLINO, 1987, p.58).

Segundo Marcellino (op. cit., p. 58-59) o aspecto educativo do lazer evidencia-se em duas constatações: o lazer é um veículo privilegiado de educação e;

[...] para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação [...],

ou seja, o lazer possui um duplo processo educativo: o lazer como veículo (educação pelo lazer) e como objeto de educação (educação para o lazer).

Para que o lazer seja considerado um veículo de educação (educação pelo lazer) é preciso considerar as possibilidades do lazer para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, pois segundo Marcellino:

Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e prazer propiciados pela prática ou pela contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade (1987, p. 60).

A educação pelo lazer caracteristicamente é efetivada de maneira informal, ou seja, sem a presença de uma mediação pedagógica, o que muitas vezes contribui para uma prática conformista das atividades de lazer, uma vez que, difundida pela mídia, que impõe seus padrões influenciadores para o consumo, moldando os sujeitos de acordo com o modelo econômico, não possibilitando o acesso à contra-informação de suas mensagens. Esta educação agrega valores, condutas e posturas apreendidas durante o consumo e a prática de atividades de lazer junto à família, aos amigos, os colegas, etc., em lugares como a casa, a rua, o bar... e, através dos meios de comunicação como o rádio, a televisão, entre outros.

Referindo-me agora um trabalho anterior, no qual estudamos o caso de um parque público da cidade de Santo André, consideramos que em nosso atual estágio de desenvolvimento nem todos os cidadãos conseguem acesso às atividades de lazer, devido a inúmeros fatores que inibem ou limitam a prática de um lazer com a qualidade

desejada pelos próprios praticantes. Nesta visão, apareceram necessidades de recursos financeiros, carência de “tempo disponível”, as obrigações profissionais, a falta de segurança, as dificuldades de acesso e a carência de espaços e equipamentos de lazer em condições de uso, realidade que também está presente nos outros grandes centros urbanos brasileiros. (ISHIGAMI, 2001, p.21).

Além dos fatores levantados, Marcellino (1987, p.61) relata que na sociedade brasileira “[...] observa-se um conjunto de variáveis - sexo, faixa etária, níveis de escolaridade, estereótipos -, formando um todo inibidor para a prática do lazer”.

Diante destes fatores levantados que inibem a prática do lazer ou reduzem o lazer a uma prática consumatória, passiva ou conformista, a educação para o lazer, segundo Marcellino (1987, p.62-64), persegue um “[...] processo educativo de incentivo a imaginação criadora, ao espírito crítico, [...] que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais”, visando contribuir para o estabelecimento de uma nova ordem moral e intelectual, que favoreça mudanças no plano social, ou seja, a educação para o lazer possui como objetivo ser um dos canais contra-hegemônicos presentes na nossa sociedade.

Segundo Magalhães Pinto (2001) a educação para o lazer em nossa sociedade tem sido articulada com a recreação e segue duas tendências: a primeira, que entende o lazer como mercadoria, onde o lazer é carregado pelo sentido de atividade para ocupar o “tempo disponível”, que têm a função de cumprir as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento com uma visão funcionalista do lazer<sup>2</sup>, contribuindo para a

---

<sup>2</sup> A visão funcionalista do lazer contribui para a manutenção da “paz social” e da ordem vigente, sendo composta por quatro visões de lazer: (1) **Romântica**: marcada pela ênfase nos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia do passado; (2) **Moralista**: motivada pelo caráter de ambigüidade do lazer, colocando o lazer como fuga dos perigos da sociedade; (3) **Compensatória**: oposição entre trabalho-alienado, mecânico, fragmentado e especializado das sociedades modernas e a realização individual, onde o lazer aparece como forma de compensação da insatisfação e da alienação do trabalho; **Utilitarista**: o lazer é utilizado para recuperação da força de trabalho e como instrumento de desenvolvimento necessário para o mundo do trabalho. (MARCELLINO, 1987, p.35-40).

manutenção da estrutura social vigente e; a segunda, que concebe o lazer “[...] como fenômeno social e componente da cultura historicamente situada, vivenciada em tempo e espaços disponíveis para a vivência lúdica [...]”, onde o lazer é visto como um espaço educativo construído por meio de interações prazerosas centradas nos sujeitos e, que busca a intervenção na realidade, tendência que acreditamos que deve ser seguida por todos os educadores.

Para alcançar este objetivo, a educação para o lazer tenta educar os sujeitos para a boa utilização do seu tempo livre. Segundo Requixa (1980, p.56), para atingir este objetivo “[...] deve-se mostrar a importância do lazer e o aprendizado como estímulo na diversificação de atividades praticadas”, ou seja, deve-se buscar uma democratização cultural.

Nesta mesma perspectiva, Camargo (1999, p. 84-86), afirma que a educação para o lazer “[...] consiste em estimular a produção cultural própria [...]” e a apreciação crítica despreziosa através do ensino da prática de diferentes atividades de lazer.

Marcellino (1987, p.92-93) adverte que o lazer como objeto da educação, ou seja, a educação para o lazer que se orienta através de “[...] valores conservadores, ‘compensatórios’, ‘moralistas’, ou ‘utilitaristas’, centra-se em conteúdos, não levando em conta a idéia do processo de fruição, mas privilegiando o ‘produto’ [...]”, atitude que reflete e reforça a ideologia dominante e alerta que, ao defender a educação para o lazer, é necessário que se esteja consciente de seus riscos, observando que não se pode efetuar a separação entre a educação para o lazer e a educação em geral.

Um dos principais cuidados que devem ser tomados ao se educar para o lazer é não se restringir apenas à aplicação de conteúdos já consagrados, pois isto inibe a manifestação, conhecimento e valorização da cultura local por parte da comunidade, que é considerada fundamental para a transição do senso comum para o senso crítico e

criativo com relação ao lazer. Outro cuidado que devemos ter é não restringir-nos a conteúdos já acabados como a arte erudita, os esportes, etc., não significando que estes não devam ser utilizados, mas também refletidos. No entanto, como educadores devemos proporcionar, após um processo diagnóstico, o desenvolvimento de iniciativas que estimulem para descoberta, surgimento e desenvolvimento da cultura local.

Segundo Paulo Freire (1996, p.23), um dos mais brilhantes educadores de nossa época, o educador deve considerar que ensinar não é apenas uma transferência de conhecimentos em sentido único, ao contrário, o ato de ensinar deve visar à criação de possibilidades para a produção ou a construção conjunta do conhecimento pelos sujeitos envolvidos.

Acreditamos que o processo de educação para o lazer, assim como o processo de ensino, deve partir das experiências e conhecimentos que os sujeitos já possuem, sendo desenvolvido através de uma abordagem aprofundada na compreensão, interpretação e intervenção nos fatos, buscando sempre reforçar a capacidade crítica, a curiosidade e a insubmissão aos conteúdos massificados pela mídia, ou seja, a educação deve visar à superação da curiosidade ingênua (senso comum) para uma curiosidade criativa (visão crítica) como propõe Paulo Freire (1996, p. 31).

Neste sentido, torna-se importante o conhecimento de atividades que contemplem todos os interesses culturais do lazer, visto que, os participantes devem ser estimulados a participar e devem receber um mínimo de orientação que lhes permita a opção, pois a escolha, a opção, em termos de conteúdo, está diretamente ligada ao conhecimento adquirido em vivências passadas (Marcellino, 1987, p.122).

## 2.2 O Lazer e a Educação Não-Formal

Após esta análise do duplo aspecto educativo do lazer, tentaremos estabelecer agora uma conexão desse processo com a educação não-formal, pois o lazer tem sido frequentemente utilizado pelos educadores (animadores sócio-culturais) como ferramenta pedagógica nas iniciativas não-formais de educação e lazer junto à comunidade.

Visando esclarecer possíveis dúvidas, vale a pena ressaltar, que a educação não-formal, consiste em uma intervenção pedagógica, efetivada por educadores ou grupos de interesses em determinado assunto, sem seguir padrões fixados pelo sistema formal de ensino, buscando cumprir objetivos que modifiquem a realidade da comunidade onde se realiza a intervenção. Esta intervenção pode ser caracterizada desde uma iniciativa de alfabetização da comunidade, orientação sobre a qualidade de vida, conscientização sobre noções básicas de saúde e higiene, até a organização necessária para a autogestão dos equipamentos de lazer.

Segundo Gohn (1999) a educação formal e a não-formal constituem processos de ensino e aprendizagem que definem pedagogicamente seus procedimentos: seleção de conteúdos, metodologias, critérios de avaliação adequados aos seus fins e objetivos. Entretanto, a educação não-formal aproxima-se mais dos interesses dos grupos sociais no processo de aquisição de conhecimentos e habilidades.

Diferentemente do sistema formal de ensino, na educação não-formal, assim como na educação para o lazer, não há currículos nem diplomas, são voltadas para o dia-a-dia e, devido a isto apresentam desafios comuns, ou seja, ambas perseguem a mudança da realidade local, uma maior autonomia dos sujeitos envolvidos, a autogestão e a organização dos equipamentos, sejam eles educacionais, esportivos, de lazer entre outros, pela comunidade do local onde se realizam as intervenções educativas.

Gohn (1999, p. 5) elabora uma classificação das possibilidades de atuação no campo da educação não-formal, dentre as quais há possibilidades comuns à educação para o lazer. Neste sentido, destacamos as possibilidades de atuação consideradas relevantes a este estudo:

1. A aprendizagem política do direito dos indivíduos enquanto cidadãos, ou seja, busca a conscientização dos sujeitos à compreensão de seus interesses, do meio social e da natureza que o cerca através da participação em atividades grupais;
2. A aprendizagem e exercício de práticas que construam uma identidade comunitária voltada para a solução de problemas coletivos cotidianos.

Camargo ao discutir o aspecto educativo do lazer afirma que o:

[...] lazer abre um campo educativo não para se aprender coisas, mas para se exercitar equilibradamente as possibilidades da participação social lúdica. A esse processo se denomina educação não-formal ou animação cultural ou, ainda, animação sócio-cultural (1999, p. 75).

Tal afirmação mostra que a educação não-formal e a animação sócio-cultural, esta última pela qual se efetiva a educação para o lazer, estão muito próximas e até se confundem devido aos seus objetivos e forma com que ocorre sua mediação pedagógica, o que nos permite analisarmos a educação não-formal através do termo animação sócio-cultural.

Segundo Dumazedier, a animação sócio-cultural é muito mais do que meras atividades de distração, ela é:

[...] uma frente comum de forças sociais e de forças culturais, que se esforçam para criar condições mais favoráveis, para que o lazer seja um meio de criação permanente de si mesmo e não um meio de consumo de coisas passivas. Para que as condições sejam mais favoráveis, para que exista melhor equilíbrio, sempre ameaçado de ser destruído, entre o direito de expressar-se a si próprio, (as tendências do corpo e do

espírito) e as responsabilidades sociais das instituições indispensáveis à sociedade (profissionais, familiares, sócio-espirituais, sócio-políticas). E é, igualmente para criar as condições para que em cada indivíduo que autogerar seu tempo liberado, as forças que levam à passividade, à apatia, ao repouso permanente e as forças que levam a atividades favoráveis a criação de si mesmo sejam melhor equilibradas. Para que, nas atividades, as necessidades de divertimento sejam equilibradas com necessidades de desenvolvimento de si mesmo. (1975, p.46-47).

Segundo Camargo, a animação sociocultural tem por objetivo:

[...] mostrar que o exercício de atividades voluntárias, desinteressadas, prazerosas e liberatórias pode ser o momento para uma abertura a uma vida cultural intensa, diversificada e equilibrada com as obrigações profissionais, familiares, religiosas e políticas. (CAMARGO, 1999, p.75).

Após esta breve reflexão sobre os objetivos e possibilidades da animação sócio-cultural e da educação não-formal, podemos concluir que a figura do educador (animador sócio-cultural) é fundamental para o desenvolvimento das iniciativas estudadas, pois é a partir da sua atuação que vai depender o sucesso da democratização cultural e o desenvolvimento do espírito crítico e coletivo da comunidade.

Segundo Dumazedier (1975, p. 51), o animador sócio-cultural procura “[...] reduzir a distância entre o nível cultural de uma época e o nível cultural do lazer vivido pelos meios culturais mais cultos, pelas classes sociais mais instruídas e os menos cultos e menos instruídos e mais marginalizados”, ou seja, o animador é o agente responsável pela democratização cultural dos conteúdos do lazer.

O lazer, por possuir algumas características como a liberdade de escolha e opção, por ser uma prática associada à busca do prazer individual e coletivo, por possuir um caráter desinteressado e por ter um atrativo especial que traz a comunidade para

dentro da escola, deve preencher os tempos e os espaços dos inúmeros programas não-formais, pois através da exploração do seu duplo aspecto educativo, abre-se à possibilidade de ser utilizado como instrumento incentivador da organização e crescimento, além de criar a possibilidade de intervenção na realidade da comunidade.

### CAPÍTULO 3

#### A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

Ao tratarmos das iniciativas de lazer desenvolvidas a partir das unidades educacionais nos finais de semana, o principal aspecto a se considerar para o sucesso de tais iniciativas é a qualidade da relação estabelecida entre a escola e a comunidade.

Segundo Hora, a escola:

[...] tem uma contribuição indispensável e insubstituível, embora limitada, a dar para a afirmação histórica das classes populares, na medida em que pode favorecer a ampliação da compreensão do mundo, de si mesmo, dos outros e das relações sociais, essencial para a construção da sua presença histórica, responsável e consciente, no exercício concreto da cidadania. (1994, p. 49).

Bourscheid afirma que para haver uma boa relação da comunidade com a escola, e desta com a comunidade é preciso vivenciar a realidade dos sujeitos envolvidos, visando formar os sujeitos para que eles possam:

[...] superar os valores burgueses, como o individualismo, o preconceito, a discriminação, o racismo, o machismo, a corrupção, a acomodação, o autoritarismo, o personalismo..., que atrapalham o avanço da organização e da luta pela igualdade. A escola deve ser o lugar da vivência e do desenvolvimento de novos valores como o companheirismo, a solidariedade, a responsabilidade, o trabalho coletivo, a disposição de aprender sempre, a ternura, o saber fazer bem feito, a indignação contra toda e qualquer injustiça ocorrida na sociedade... (1999, p. 1083).

Além disto, segundo o autor (op.cit., p.1083), a escola deve trabalhar a comunidade com temas geradores e capacitadores de conhecimentos práticos, visando transformações no processo educativo-pedagógico dentro e fora da escola, além das práticas coletivas presentes no cotidiano da comunidade e da sociedade, visando prepará-los e educá-los para conduzir a sua vida, para lutar, resolver seus problemas e para mudar os comportamentos ideológicos opressores por comportamentos aprendidos durante a prática coletiva.

A Associação Educativa Labor (2001, p.26), através de uma coleção destinada a professores da rede pública, em seu primeiro fascículo que trata de relação escola-comunidade, mostra que os serviços prestados pela escola são eficazes e eficientes quando a mesma conhece a comunidade, as características do local, as suas potencialidades e dificuldades e, quando a comunidade sente-se dona da escola.

Acreditamos que esta apropriação pelo espaço acontece quando a escola permite a utilização da sua área pela comunidade nos horários de aula e, principalmente, nos seus horários ociosos como é o caso dos finais de semana, pois nesta parcela de tempo, o lazer aparece como um aspecto central no desenvolvimento de uma boa relação entre a escola e a comunidade.

Tal necessidade é detectada por Cody e Siqueira (1997, p.61), quando afirmam que o “[...] ideal é que a escola passe a funcionar como um centro cultural da comunidade, integrada dentro desta, permitindo que a vida do aluno e da família esteja centralizada nela”.

Zan (2003, p.14) também observa tal necessidade ao afirmar que a escola é um espaço de sociabilidade e de práticas culturais diversas, no qual há produção e circulação de diversos saberes.

Segundo Paro (1991 p.488-489), a intensidade da relação entre a escola e a comunidade pode ser avaliada através da “[...] dimensão em que o espaço escolar é utilizado pelos usuários nos períodos em que a escola não desenvolve suas atividades docentes regulares, especialmente nos fins de semana, nos feriados e nas férias escolares”, pois segundo o autor:

As relações que a escola mantém com seus usuários e principalmente a postura que ela adota diante da questão da ocupação do espaço escolar pela comunidade parecem ter influência sobre a existência ou não de depredações da escola por parte de elementos da população vizinha a ela. Vários relatos de experiência indicam que, quando a escola estabelece relações amistosas com a comunidade, permitindo inclusive que esta utilize suas dependências para atividades em fins de semana, os usuários tendem a colaborar com a escola e as depredações diminuem bastante e até desaparecem. Isto parece acontecer ou porque os próprios elementos que provocaram tais atos se sintam inibidos em fazê-lo diante de uma postura da escola que os valoriza e permite que eles mesmos usufruam o espaço escolar, ou porque os usuários interessados passam a desenvolver mecanismos de proteção contra as depredações (op.cit., p.93).

Esta observação aponta para um produto importante de uma boa relação entre escola e a comunidade, que é a apropriação dos espaços da escola pela comunidade local, pois a comunidade ao ver este espaço como sua propriedade, passa a lutar pela sua conservação e melhoria junto à própria comunidade e aos órgãos públicos e privados. Esta apropriação do espaço consiste num dos objetivos fundamentais para a implantação dos programas de lazer nos fins de semana nas escolas públicas.

Cody e Siqueira afirmam que o produto final da ação conjunta da escola e da comunidade é muito bom: “[...] uma juventude bem formada, uma comunidade consciente, ativa e participante” (1997, p. 81).

A partir da exposição dos programas que sugerem uma boa relação entre a escola e a comunidade, analisaremos alguns aspectos considerados importantes para a melhoria ainda maior desta relação. Para fins deste estudo, serão analisados apenas os aspectos que se originam a partir dos projetos de lazer desenvolvidos nos finais de semana.

O primeiro item necessário para a efetivação da relação escola comunidade é o **estímulo à participação popular nas decisões acerca do processo educativo para o lazer**, pois isto gera a democratização junto às relações desenvolvidas no interior da escola. Esta participação deve ser estimulada através de um líder participativo, pois, segundo Cody e Siqueira, o líder participativo:

[...] facilita a comunicação, encoraja os participantes a expressarem opiniões sobre o que está sendo discutido, solicita o apoio e a cooperação de todos os membros do grupo. O líder é o porta-voz do grupo, negocia com ele, age em favor do grupo, solicita alianças às pessoas importantes para promover e defender os interesses do grupo. Enfim, o líder participativo delega poderes, promove o bem-estar de toda a comunidade escolar. (1997, p. 79).

A participação popular aliada à cooperação entre todos os envolvidos é fundamental para o sucesso de tais iniciativas, pois a cooperação promove no grupo o sentimento de pertencimento e de coletividade, aspectos importantes para a apropriação e a valorização do espaço escolar por parte da comunidade.

Cody e Siqueira (1987), enumeram alguns fatores que consideram vital para a melhoria da relação entre a escola e a comunidade, construídos na perspectiva da educação formal de ensino, mas que também podem ser direcionados para as iniciativas de lazer desenvolvidas no interior do espaço escolar: (1) estabelecer um diálogo com a família; (2) conscientizar o corpo docente da importância de sua colaboração; (3)

conhecer a comunidade para se estabelecer um canal de comunicação com ela; (4) trazer a comunidade para prestar serviços à escola (palestras, organização, administração, lazer etc.); (5) prestar serviços educativos para o enriquecimento cultural da comunidade escolar.

Direcionando especificamente para as atividades de lazer, Marcellino afirma que a tarefa educativa de uma pedagogia da animação “[...] seria efetuada, em termos de *conteúdo*, a partir do cotidiano local, fornecendo o instrumental necessário no sentido de contribuir para a superação do ‘senso comum’ [...]” (1987, p. 147).

Além da realidade determinada pelo cotidiano da comunidade como ponto de partida para as iniciativas de lazer, faz-se necessário à valorização das manifestações culturais locais nos diversos interesses culturais do lazer, através do estímulo ao seu desenvolvimento e auxílio para a construção de novas manifestações de acordo com o interesse local. Tal valorização pode ser efetivada através da participação voluntária de artistas e grupos culturais locais, que poderão divulgar seus trabalhos e ministrar aulas específicas para a comunidade. Com relação à construção de novas manifestações culturais locais, estas devem ser efetivadas após um diagnóstico identificador junto à comunidade e com a participação desta no seu desenvolvimento.

Neste sentido, torna-se importante contemplar através das atividades todos os interesses culturais da área do lazer (físico-esportivo, intelectual, social, manual, artístico e turístico), pois somente através da participação e o conhecimento crítico das atividades que envolvam todos os conteúdos culturais é que podemos garantir o direito à opção dos envolvidos. Além disto, o processo educativo para o lazer, assim como a educação como um todo, deve buscar a formação de cidadãos críticos, participativos e capazes de intervir na realidade.

Por fim, tais iniciativas de lazer devem incentivar a organização comunitária para a autogestão das atividades de lazer e dos tempos livres da escola, pois isto garante à continuidade de tais iniciativas, a autonomia e a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Tais fatores, atrelados ao processo da animação sócio-cultural, apontam para a necessidade de formação de especialistas e graduados na área de recreação e lazer. Infelizmente, muitas iniciativas não possuem profissionais qualificados e preparados para desenvolverem adequadamente estas iniciativas, o que acaba resultando em uma prática passiva e conformista do lazer.

Concluindo, acreditamos que estas recentes iniciativas, desde que desenvolvidas por profissionais preparados e conscientes da importância do seu papel para o crescimento da sociedade, consiste em uma grande oportunidade para a valorização da escola pela sociedade e para a melhoria da relação entre a escola e sua comunidade circundante.

## CAPÍTULO 4

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as recentes experiências de lazer desenvolvidas nos fins de semana consistem numa das grandes oportunidades para que a escola e os profissionais consigam o valor e o respeito tão almejado pela educação, pois através do estímulo à organização e conscientização da comunidade, mostrando que ela não é um mero objeto a ser usado, mas pessoas capazes de intervir na realidade e, conseqüentemente, no mundo, por meio de reivindicações e movimentos organizados, podendo contribuir para a melhoria da qualidade de vida e, quem sabe até, da sociedade brasileira como um todo. Através deste reconhecimento por parte da população, torna-se possível à luta tão almejada pela valorização da carreira de educador e por condições mais dignas para o seu trabalho docente de melhoria da comunidade.

Baseado na discussão desenvolvida durante todo o trabalho uma proposta de lazer que busca uma aproximação entre a escola e a comunidade nos fins de semana, deve buscar sempre estimular a participação popular nas decisões acerca de todo o processo educativo para o lazer, a cooperação entre todos os envolvidos nos programas, incentivar a valorização e desenvolvimento da cultura local através do oferecimento de atividades de interesse local que contemplem todos os interesses culturais da área do lazer e, por fim, buscar a formação de cidadãos críticos, criativos e autônomos com relação à ocupação do seu tempo de lazer.

Neste sentido, acreditamos que uma proposta de lazer promovida no interior da escola nos fins de semana deve seguir os seguintes passos:

1. **Diagnóstico identificador:** visa identificar as lideranças locais, as manifestações culturais locais existentes na comunidade, artistas

- interessados em ministrar aulas para a comunidade e, principalmente, conhecer a realidade da comunidade em que se vai atuar.
2. **Capacitação da equipe de trabalho:** neste momento, busca-se capacitar à equipe de trabalho e voluntários, com relação aos objetivos do programa, filosofia, preparação e divulgação das atividades a serem desenvolvidas na atividade de impacto. Neste momento é importante valorizar o conhecimento dos voluntários, através do estímulo a sua participação no desenvolvimento e seleção de atividades à comunidade.
  3. **Atividade de impacto:** consiste na apresentação do programa à comunidade, os seus objetivos, as pessoas envolvidas efetivadas através de apresentações, cartazes, exposições de trabalhos dos artistas, atividades esportivas e sociais. Após a sua realização, deve ser feita uma avaliação junto a todos os envolvidos, buscando avaliar a repercussão da atividade de impacto junto à comunidade e identificar os erros e problemas com o objetivo de minimizá-los.
  4. **Atividade permanente:** busca-se explorar todo o potencial da comunidade, através de atividades que contemplem todos os interesses culturais da área do lazer, buscando a formação de cidadãos críticos e criativos com relação ao seu “tempo disponível” ao lazer. Estas atividades devem ser associadas a pequenas atividades de apoio com o intuito de manter e aumentar o nível de participação da comunidade no programa desenvolvido. Além disto, faz-se necessário um processo contínuo de avaliação do programa, o que pode garantir o sucesso e o aperfeiçoamento de tais iniciativas.
  5. **Autogestão das atividades:** Com o decorrer de todo o processo será iniciada uma preparação da comunidade para a autogestão das atividades, através do

recrutamento de lideranças detectadas durante as ações e atribuições graduais de responsabilidades à comunidade.

Esperamos que esta pesquisa possa mostrar para as organizações públicas e privadas a importância do trabalho junto à comunidade, fornecendo as bases teóricas e justificativas necessárias para a implantação e manutenção de tais iniciativas de lazer, educação e cidadania.

Por fim, gostaríamos de salientar a necessidade de um estudo de caso envolvendo a discussão levantada teoricamente para o seu aperfeiçoamento, o que esperamos conseguir em uma oportunidade futura.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LABOR. **Relação Escola-comunidade**. São Paulo: EDUC, 2001 (Proposta Pedagógica Labor, fasc. 1).

BERNHOEFT, Renato. **Administração do tempo: um recurso para melhorar a qualidade de vida pessoal e profissional**. São Paulo: Nobel, 1985 (4ª reimpressão 1988).

BOURSCHEID, Guilherme Mateus. **Discutindo a História, o Lazer e a Educação na conquista da liberdade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, v.21, n.1. p. 1077-1083, set.1999. (Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte: Caderno 3: Textos e Resumos).

CAMARGO, Luís Otávio Lima. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos, 172).

CODY, Frank; SIQUEIRA, Sílvia. **Escola e comunidade: uma parceria necessária**. Cotia, SP: ÍBIS, 1997.

DIRETÓRIO ESTADUAL DO PT - SÃO PAULO. **Mauá do ano 2001, felizmente, é outra**. Revista Linha Direta. Disponível em: <<http://www.pt-sp.org.br/ld-509b.htm>> Acesso: 14 out. 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre, RS: CELAR/PUCRS, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GARCIA, Valéria Aroeira. **Educação não-formal: do histórico ao trabalho local.** In: PARK, Margareth Brandini (org.). **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 123-145.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o terceiro setor.** São Paulo: Cortez, 1999.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão Democrática na Escola: artes e ofícios da participação coletiva.** Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

ISHIGAMI, Sergio Hideo. **Lazer e Administração Pública: diretrizes para uma política de lazer voltada aos usuários do Parque Regional Duque de Caxias.** Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

MAGALHÃES PINTO, Leila Mirtes Santos de. **Formação de educadores e educadoras para o lazer: saberes e competências.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP: v.22, n.3, p.53-71, maio 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MASCARENHAS, Fernando. **O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP: v.24, n.3, p.121-143, maio 2003.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. **O lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

PARO, Vitor Henrique. **Participação popular na gestão da escola pública**. Tese (Livre Docência em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política**. 34 ed. revista. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

STUCCHI, Sérgio. **As relações do homem com o espaço de circulação da cidade e o significado da função urbana de “recrear”**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, SP: v.23, n.1, p. 99-108, set. 2001.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. **Currículo por projetos**. In: Park, Margareth Brandini (org.). **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio-ambiente**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p.13-29.